

SIGNIFICADOS DE CUIDADO PARA CRIANÇAS E ADOLESCENTES VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA¹

THE MEANING OF "CARE" FOR CHILDREN AND ADOLESCENTS WHO
HAVE SUFFERED DOMESTIC VIOLENCE
LOS SIGNIFICADOS DE CUIDADO PARA NIÑOS Y ADOLESCENTES
VÍCTIMAS DE LA VIOLENCIA DOMÉSTICA

Alcione Leite da Silva²

Cristina Vogel³

Mirela Schmidt Virgílio⁴

RESUMO: Trata-se de um estudo fenomenológico hermenêutico, que teve como objetivo desvelar os significados de cuidado a partir da experiência vivida por crianças e adolescentes vítimas da violência doméstica. Foi desenvolvido em duas Casas-Lares, em Florianópolis, que funcionam em regime de abrigo temporário e excepcional, para crianças e adolescentes do sexo masculino e feminino vítimas da violência doméstica. As descrições, obtidas nas respostas e desenhos de dezoito crianças e adolescentes do sexo feminino e masculino, possibilitou-nos caracterizar "o cuidado como forma de promoção da vida, de expressão do ser, de relação com o meio ambiente e, de negação de experiências vividas e de resistência para sobreviver."

PALAVRAS-CHAVE: cuidado, significados, violência doméstica

INTRODUÇÃO

O cuidado vem se tornando, na última década, um tema presente na agenda de pesquisa de muitas/os enfermeiras/os brasileiras/os. Até o início da década de 90, este interesse era pouco evidente, tendo em vista o número inexpressivo de estudos sobre o cuidado na literatura da enfermagem brasileira. Contudo, apesar do número crescente de estudos na área, podemos constatar ainda a necessidade de investimentos em estudos que contemplem as perspectivas ontológicas, epistemológicas e metodológicas na realidade brasileira. Estudos que, também, extrapolem a realidade hospitalar, trazendo contribuições para a vida em família e em sociedade.

Pesquisas que busquem a identificação da natureza, significação do cuidado na infância e adolescência podem nos auxiliar a entender o modo de vida de uma sociedade, a refletir sobre os valores humanos fundamentais daquela sociedade e a estabelecer estratégias de ação transformadora frente às necessidades que o viver impõe. Neste sentido, estes estudos podem,

¹ Prêmio Edith Magalhães Fraenkel, 1º. Lugar, 52º CBEEn, 2000.

² Enfermeira. Doutora em Filosofia de Enfermagem. Professora Titular do Depto. De Enfermagem da UFSC. Coordenadora Didático-Pedagógica do Curso de Doutorado em Enfermagem da UFSC e Coordenadora do Núcleo de Pesquisa Cuidando-Confortando: Tecnologias Inovadoras pró Ser e Viver Saudável.

³ Aluna do Curso de Graduação em Enfermagem da UFSC. Membro do Núcleo de Pesquisa Cuidando-Confortando: Tecnologias Inovadoras pró Ser e Viver Saudável.

⁴ Aluna do Curso de Graduação em Enfermagem da UFSC, Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC). Membro do Núcleo de Pesquisa Cuidando-Confortando: Tecnologias Inovadoras pró Ser e Viver Saudável.

também, abrir novos espaços de atuação para enfermeiras/os.

O cuidado guarda estreita relação com as nossas experiências de ser cuidado e cuidar, podendo, portanto, ser aprendido/ensinado. Várias/os autoras/es concordam que a capacidade para cuidar pode ser estimulada ou inibida pelas experiências da criança (*Gaylin, 1979, Roach, 1987*). Como bem refere *Gaylin (1979)*, a percepção da criança - a experiência de amor e carinho ou a falta dela - influencia e modela a maneira na qual a criança se relacionará com outros quando adulto. Conseqüentemente, se a criança aprende a cuidar através da experiência de ser cuidada, ela aprende a lição crucial em sua jornada em direção ao pleno desenvolvimento humano. Os significados que temos do cuidado podem emergir na infância, ou talvez a partir até mesmo da vida intra-uterina, pois mesmo sendo o feto incapaz de agir, ele não é incapaz de perceber e com esta percepção está aprendendo lições que nunca esquecerá. Segundo *Gaylin (1979)*, entre as lições, a mais crucial é aquela que liga dependência, cuidado e sobrevivência. Estes significados, advindos das experiências na gestação e infância, nos acompanhará na vida adulta, podendo influenciar a nossa forma de ser e de cuidar do outro (*Silva, 1998*).

Contudo há uma imensa lacuna acerca de estudos nesta área. Embora o cuidado venha sendo estudado em outras disciplinas (*Silva, 1997*), é na Enfermagem que estes estudos se sobressaem, tendo em vista o fato de ser ele a sua essência e razão maior de sua existência, enquanto disciplina e profissão. Os estudos sobre a natureza e significação do cuidado para crianças e adolescentes, no âmbito nacional e internacional, são raros. No Brasil, estes estudos têm focalizado, basicamente, as percepções das/os cuidadoras/es e clientela em instituições de saúde (*Boemer e Valle, 1988, Silva, 1998, Waldow, 1998, Gonzaga e Neves-Arruda, 1998a,b*). Só recentemente a atenção é direcionada para crianças e adolescentes hospitalizados (*Gonzaga e Neves-Arruda, 1998a, b*).

Considerando as lacunas existentes e o fato de ser esta uma de nossas áreas de interesse, desenvolvemos, anteriormente, uma pesquisa que teve como objetivo desvelar os significados do cuidado na perspectiva de crianças e pré-adolescentes, considerados sadios (*Silva, BellaGuarda, Vogel, 1998*). Os significados encontrados relacionaram-se a **promover e dar significado à vida, expressar o ser, educar para a vida e tomar conhecimento de si e do meio ambiente**, os quais apareceram intimamente relacionados. Contudo, estes significados, além de refletirem a concepção de um número reduzido de crianças e adolescentes, relacionaram-se a uma clientela da camada média para alta, evidenciando os limites da amostra. Naquele estudo, aventamos a possibilidade destes significados diferirem sobremaneira daqueles tidos por crianças e adolescentes vítimas da violência doméstica o que nos motivou a desenvolver este estudo.

Durante os últimos anos, constatamos um interesse crescente acerca do problema da violência contra crianças e adolescentes. A violência familiar é aquela que ocorre dentro do lar e este vem sendo um local muito comum para a expressão da violência contra crianças e adolescentes, à medida que nele se estabelece o confronto subjetivo e cotidiano da disciplina, dominação e resistência, sendo, então, o lugar propício para manifestações de violência física, sexual, psicológica e da negligência (*Camargo; Buralli, 1998*).

Violência origina-se do latim *violentia* e designa o ato de violentar, qualidade do que é violento, força empregada abusivamente contra o direito natural, constrangimento exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a praticar algo (*Ferreira, 1986*).

Chauí caracteriza a violência a partir de duas vertentes:

Em primeiro lugar, como conversão de uma diferença e de uma assimetria numa relação hierárquica de desigualdade com fins de dominação, exploração e de opressão, ou seja, a conversão dos diferentes em desiguais e a desigualdade na relação entre superior e inferior. Em segundo lugar, como uma ação que trata o ser humano, não como sujeito, mas como coisa. Esta se caracteriza pela inércia, pela passividade e pelo silêncio, de modo que quando a atividade e a fala de outrem são impedidas ou anuladas, há violência. (1985, p.28)

Segundo definição adotada pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 1993), a violência familiar caracteriza-se por uma violência intra-classes sociais, mas que permeia todas as classes sociais e está diretamente relacionada com a posição do poder adulto frente à criança, podendo configurar-se na forma de violência física, sexual, psicológica, bem como na forma de negligência, as quais, ao nosso ver, estão intimamente relacionadas. A **violência física** corresponde ao uso da força física no relacionamento com a criança ou adolescente por parte dos pais, ou por quem exerce autoridade no âmbito familiar. A **violência sexual** relaciona-se a todo ato ou jogo na relação hetero ou homossexual, entre um ou mais adultos e uma criança ou adolescente, tendo por finalidade estimulá-las/os sexualmente ou utiliza-las/os para obter estimulação sexual sobre sua pessoa ou de outra pessoa. Já a **violência psicológica** consiste em uma interferência negativa do adulto sobre a criança e sua competência social, conformando um padrão de comportamento destrutivo; tendo como formas mais comuns: rejeitar, isolar, aterrorizar, ignorar, corromper e criar expectativas irreais ou extremadas sobre a criança e o adolescente. Por último, a **negligência** caracteriza-se pela omissão da família em prover as necessidades físicas e emocionais de uma criança ou adolescente, não decorrentes da carência de recursos sócio-econômicos.

No Brasil, pelo número de vítimas que vem produzindo, a violência contra a criança é considerada por muitos autores como um problema de Saúde Pública. As estatísticas atribuem à violência o índice de 46,5% das mortes na faixa etária de 5 a 14 anos e 64,4% das mortes de jovens de 15 a 18 anos (*Melo Jorge; Minayo*, citados em *Camargo; Buralli*, 1998). No entanto, só recentemente foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA – Lei Federal 8.069 de 13/07/90), que infelizmente, ainda está mais no papel do que no corpo da sociedade.

Abordagens contemporâneas da violência doméstica procuram entendê-la não como uma fatalidade da herança biológica, nem como decorrência de disfunções sociais, na linha das teses ambientalistas de “cultura da pobreza”, marginalização, carência cultural, dentre outras, mas como resultado de uma interação entre fatores individuais (biológicos e psicológicos) e sociais (econômicos, políticos e culturais) (*Azevedo*, 1997). Neste sentido, pesquisas internacionais indicam que os maus-tratos existem, ao menos em potencial, em todas as camadas sociais e na maior parte das famílias (*Stevó*, 1999). Deste modo, concordamos com *Azevedo e Guerra* (1997) quando caracterizam a violência doméstica enquanto fenômeno multifacetado, dependente da interação indivíduo-sociedade quanto à sua produção. Isto significa reconhecer que toda violência é social, histórica e, portanto, capaz de ser controlada e erradicada caso haja vontade política para tal (*Azevedo*, 1997).

Se a família é o lugar onde vivemos as primeiras experiências de cuidado, isto é de ser cuidado e de cuidar, através da qual se dá, entre outros aspectos, a identificação social, o processo de socialização, a expressão da afetividade; se a capacidade para cuidar está diretamente relacionada às experiências de ser cuidada na infância e; se o cuidado é essencial para a expressão do ser, que concepções de cuidado teriam as crianças e adolescentes vítimas da violência doméstica? Em outras palavras, como uma criança que sofreu ou sofre algum tipo de violência entende ou percebe o que seja “ser cuidada”? Deste modo, o presente estudo tem por objetivo desvelar os significados de cuidado para a criança e adolescente vítima da violência doméstica.

METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido com base na fenomenologia hermenêutica do educador norte-americano. Em um amplo sentido, a fenomenologia, para *Van Manen* (1990), é a filosofia ou teoria do único; ela está interessada no que é essencialmente insubstituível; a hermenêutica, segundo o autor, é o estudo interpretativo das expressões e objetificações dos textos da experiência vivida, na tentativa de determinar os seus significados; a fenomenologia descreve

como alguém se orienta para a experiência vivida, a hermenêutica descreve como alguém interpreta os “textos” da vida. Apresentamos, a seguir, as etapas deste estudo.

FENÔMENO E PERSPECTIVA DO ESTUDO

O fenômeno escolhido para o estudo foi o cuidado, a partir de sua dimensão ontológica. Assim, buscamos investigar os significados do cuidado advindos das experiências vividas por crianças e adolescentes vítimas da violência doméstica. Algumas questões foram priorizadas: Quem cuida de você? Como é este cuidado? Você poderia desenhar este cuidado? Você poderia explicar o seu desenho? Você poderia falar de situações em que as crianças não são cuidadas?

CONTEXTO DO ESTUDO

Este estudo foi realizado nas Casas-Lares⁵ São João da Cruz e Nossa Senhora do Carmo, em Florianópolis-SC, que abrigam crianças e adolescentes do sexo masculino e feminino, respectivamente. O Projeto Casa-Lar constitui-se numa alternativa de atendimento a crianças e adolescentes em regime de abrigo de natureza residencial, provisório e excepcional, dentro dos ditames legais, estabelecidos pelo Estatuto da Criança e Adolescente. É destinada a abrigar crianças e adolescentes que têm seus direitos básicos ameaçados ou violados, seja por omissão ou abuso dos pais ou responsável, seja pela sociedade ou mesmo por parte do Poder Público. Deste modo, a Casa-Lar é um lugar que oferece proteção às crianças e adolescentes e deve propiciar-lhes oportunidade de participar na vida da comunidade local, como também utilizar recursos que ela oferece, como escolas, áreas de lazer, centros médicos, dentre outros que oferece proteção à crianças e adolescentes.

Conforme determina o artigo 92 do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (BRASIL, 1991), o Projeto Casa-Lar adota os seguintes critérios: 1) preservação dos vínculos familiares; 2) integração em família substituta, quando esgotados os recursos de manutenção na família de origem; 3) atendimento personalizado e em pequenos grupos; 4) desenvolvimento de atividades de regime de co-educação; 5) não-desmembramento de grupos de irmãos; 6) preservação, sempre que possível, da criança e adolescente num único abrigo, evitando-se, dessa forma, sua transferência para outra instituição; 7) participação na vida da comunidade local; 8) preparação gradativa para o desligamento; 9) participação de pessoas da comunidade no processo educativo.

A Casa-Lar tem por objetivos: 1) assegurar à criança e ao adolescente a introjeção de valores sociais e culturais numa realidade mais próxima possível no contexto familiar, a fim de que se torne agente de seu próprio processo de desenvolvimento; 2) garantir a aplicação dos princípios constantes no ECA; 3) substituir o paternalismo pela postura de orientação a partir da necessidade individual; 4) adotar adequadamente o conceito de responsabilidade, principalmente pela realização de tarefas na Casa-Lar; 5) compromissar a comunidade na participação do processo educacional da criança abandonada e; 6) priorizar a freqüência da criança e do adolescente à escola e à profissionalização.

As crianças e adolescentes são encaminhadas à Casa-Lar através do Juizado da Infância e da Juventude, ou do Conselho Tutelar, sendo que neste último caso, a autoridade judiciária deve ser comunicada até o segundo dia útil.

CARACTERÍSTICAS DAS/OS PARTICIPANTES DO ESTUDO

Participaram do estudo cinco crianças de cinco a dez anos, das quais duas eram do sexo feminino e três do sexo masculino, e treze adolescentes de onze a quinze anos, sendo

⁵ O estatuto da Criança e do Adolescente não utiliza essa terminologia, sendo esta utilizada no Projeto desenvolvido em Santa Catarina.

seis do sexo feminino e sete do sexo masculino, totalizando dezoito crianças e adolescentes⁶.

O **tipo de admissão** das crianças e adolescentes nas Casas-Lares foi decorrente na sua quase totalidade de violência física, somando-se no caso de duas adolescentes a exploração no trabalho. As agressões físicas foram cometidas pela mãe, pai, tios e padrasto, respectivamente. Foram incluídos no estudo dois meninos com tipo de admissão por morte de ambos os pais e abandono/rejeição da mãe e, uma menina por abandono/rejeição do pai, após a morte da mãe.

Todas as crianças e adolescentes abrigadas nas Casas-Lares desenvolvem diversas atividades. Dentre elas destacamos a frequência a escola pública, atividades esportivas (escola de futebol, natação), participação em cursos (reciclagem de papel, computação e reforço escolar), atividades religiosas (catequeses e missa). Um fato que nos chama a atenção é que das/os dezoito crianças e adolescentes, somente três delas e um deles fazem acompanhamento psicológico e participam em terapias de grupo. Somente uma das meninas trabalha como babá. Todas/os de um modo geral desenvolvem tarefas na Casa-Lar, incluindo, no caso das/os maiores, o auxílio no cuidado das/os menores.

O **grau de escolaridade** variou da primeira a sexta série, sendo que um menino cursava supletivo do primeiro grau. A grande maioria das crianças e adolescentes de ambos os sexos apresenta atraso escolar que variam de um a oito anos, com uma média em torno de dois a três anos. De um modo geral, evidenciam dificuldades em expressar suas idéias por escrito e de forma oral, demonstrando também pouca capacidade na expressão estética de seus desenhos, quando considerados a idade e o nível de escolaridade.

Embora as Casas-Lares se caracterizem pela forma de atendimento provisório, verificamos que o tempo de permanência das crianças e adolescentes variou de oito meses a oito anos, sendo a média para as meninas e meninos em torno de dois a três anos.

DESCRIÇÕES EXPERIENCIAIS DO CUIDADO

Para *Van Manen* (1990), o processo de obtenção das descrições experienciais do fenômeno envolve observação e entrevista. A observação envolve uma atitude de proximidade, mantendo, contudo, um estado de alerta em relação à situação, que nos permita constantemente voltar atrás e refletir sobre o seu significado. A entrevista, por sua vez, é um meio para explorar e obter narrativas experienciais e um veículo para se estabelecer um diálogo com participantes sobre os significados da experiência.

No período estipulado, as entrevistadoras permaneceram no local, solicitando a autorização das/dos responsáveis e convidando as crianças e adolescentes a participarem. No primeiro momento, após as apresentações, foram explicados o objetivo, metodologia e possíveis contribuições do estudo, bem como assegurado o anonimato das/dos participantes e a confidencialidade das informações. As identificações e as informações, obtidas nas entrevistas, foram registradas pelas entrevistadoras no lado oposto da folha do desenho, e gravados com a autorização das/os participantes. As entrevistas foram transcritas cuidadosamente para evitar possíveis erros e, assim, apreender com exatidão o teor das descrições.

REFLEXÃO FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA

O propósito da reflexão fenomenológica é tentar desvelar o significado essencial de um fenômeno. Esta etapa inclui dois momentos: desenvolver uma análise temática e identificar os temas essenciais. *Van Manen* (1990, p. 90) definiu o tema como uma descrição da estrutura da

⁶ O critério para a definição do período que caracterizou a infância e adolescência foi adotado da OMS. O nome das crianças e adolescentes apresentados no estudo foi alterado para assegurar o anonimato.

experiência vivida: “metaforicamente falando, os temas são mais como nós nas teias de nossas experiências, ao redor das quais certas experiências são tecidas e, assim, vividas através de um todo significativo”.

Esta etapa foi precedida pela leitura e releitura das descrições, juntamente com a análise dos desenhos, em grupo, para que todas as pesquisadoras tivessem uma visão geral do conjunto. Com base nas descrições, identificamos os sub-temas, os quais foram agrupados em suas especificidades, nos possibilitando identificar os temas principais. A análise temática e a identificação dos temas nas descrições foram acompanhadas de revisão cuidadosa e repetidas das informações. Neste processo, procuramos manter uma constante orientação para o fenômeno do cuidado, bem como para as partes e o todo.

ESCRITA FENOMENOLÓGICA HERMENÊUTICA

Segundo *Van Manen* (1990), o ato de escrever a pesquisa não constitui uma etapa final do processo da pesquisa, mas permeia todo o processo. Para o autor, escrever significa criar relações significantes em que o padrão significante destas relações se condensa em um discursivo todo, que nós podemos chamar de “teoria”. Contudo, a teoria tem de ser teoria do único, do particular, daquilo que é essencialmente insubstituível. Para o autor, a escrita é o método e está proximamente ligada à atividade de pesquisa e à reflexão em si. Conseqüentemente, a escrita medeia a reflexão e a ação. A escrita envolve uma reflexão textual, no sentido de separar e confrontar-nos com o que conhecemos, distanciando-nos do mundo vivido, descontextualizando nossas preocupações da ação imediata, abstraindo e objetivando nossa compreensão vivida, a partir de nosso envolvimento concreto.

Escrever e re-escrever as descrições do fenômeno nos proporcionou uma compreensão lingüística dos significados do cuidado, exigindo um constante retorno às descrições. A reflexão sobre os dados facilitou o processo de articulação e re-articulação dos significados. Neste processo, buscamos o apoio na literatura de enfermagem e de outras áreas correlatas.

PRINCÍPIOS ÉTICOS DA PESQUISA

Este projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, respeitando, assim, as diretrizes e normas da Resolução n°. 196 e 251.

SIGNIFICADOS DE CUIDADO

A análise temática das descrições fornecidas pelas crianças e adolescentes, possibilitou-nos evidenciar quatro temas essenciais, que caracterizam *o cuidado como forma de promoção da vida, de expressão do ser, de relação com o meio ambiente, de negação das experiências vividas e de resistência para sobreviver*, os quais apresentamos a seguir.

O CUIDADO COMO FORMA DE PROMOÇÃO DA VIDA

O cuidado emerge enquanto um conceito complexo que se traduz em uma multiplicidade de perspectivas. Embora os desenhos pouco expressem o cuidado, é na entrevista que ele toma forma, ora expressa através de frases afirmativas acerca do *que é o cuidado*, ora através de frases negativas, apontando o que *o cuidado não é*. Somam-se a estas dimensões as respostas acerca do que se constitui *o não cuidado*. Muitas das crianças e adolescentes de ambos os sexos, após especificarem sua compreensão sobre o cuidado, terminam por dizer que não sabem o que é o cuidado, manifestando dúvidas acerca de suas respostas.

As concepções de cuidado aparecem de um modo geral ligadas à vida na Casa-Lar e

particularizadas em situações concretas do cotidiano. Nestas circunstâncias, fica pouco evidente na fala das crianças e adolescentes, independente do sexo, a ligação do cuidado com a família de origem.

Para as crianças e adolescentes, o cuidado está diretamente ligada à satisfação de um conjunto de necessidades indispensáveis à vida, que incluem alimentação, higiene, vestuário, socialização, lazer, educação e organização da casa onde vivem. Estas características do cuidado se ressaltam mesmo quando questionadas acerca do não cuidado. Deste modo,

Cuidado é uma casa. Uma casa a gente tem cuidado. Não morre de fome, tem cobertor, tem travesseiro, tem comida, estudo, tem dia de brincá. Cuida do outro também (Mário, 10 anos).

Aqui elas lavam as nossas roupas, ela faz a nossa comida, tem horário de estudar, horário de ir pro banho. Elas cuidam de nós (Alice, 13 anos).

Quando ela não liga para outra pessoa, não dá comida, não dá roupa; quando a pessoa ta doente não leva no médico, não dá roupa e outras coisas (Marina, 12 anos).

Quando relacionado à educação, o cuidado tem a finalidade de prepará-los/as para o futuro, para uma vida melhor. Embora, para um pequeno número de crianças e adolescentes, os pais sejam citados como sendo aqueles que realizam as ações educativas, muitos/as deles/as não têm este antecedente em suas histórias de vida. Neste sentido, parece mais como sendo uma ação que deveria ser realizada por eles.

Os pais cuidando do filho, o filho não briga na escola sempre, orientando ele pra estudar bem, prá quando crescê não ser que nem essas pessoas que tão debaixo da ponte (Adriano, 12 anos).

As ações educativas englobam as perspectivas **formal e informal** e se situam na dimensão temporal e espacial, que se restringem ao tempo de permanência na Casa-Lar. Destaca-se na **informal** a definição de limites e de deveres, tais como o estabelecimento de horários para as diferentes atividades, bem como a divisão de tarefas relacionadas à organização do ambiente e de cuidado com as/os menores. Para as crianças e adolescentes em fase escolar, as ações se estendem para o auxílio nas tarefas escolares, realizadas por voluntárias, e incentivo à educação formal. Ressaltamos, aqui, o fato destas ações não ocorrerem em circunstâncias carregadas de emoção e afetividade, como foi encontrado em estudo anterior de *Silva, Bellaguarda e Vogel* (1998), com crianças sem antecedentes de violência doméstica.

O cuidado aparece com muita freqüência ligado ao atendimento em situações de doença ou acidente (queda), na forma de encaminhamento ao médico e hospital. Como nas situações anteriores, a pessoa citada é aquela que cuida na Casa-Lar. A elevada freqüência com que esta dimensão do cuidado aparece, no estudo, contrasta com a pequena freqüência com que aparece no estudo de *Silva, Bellaguarda e Vogel* (1998). Talvez este fato se deva às melhores condições de vida, por se tratarem de crianças e adolescentes de classe média para alta.

Enquanto no estudo de *Silva, Bellaguarda e Vogel* (1998) a mãe assume, para as crianças e adolescentes, um papel de destaque na garantia direta da manutenção e desenvolvimento da vida, neste estudo, as tias ocupam este lugar. No entanto, há a consciência da temporalidade destas pessoas em suas vidas e delas não fazerem parte da suas famílias de origem. Fica, assim, evidente na fala de algumas crianças e adolescentes, o fato delas não ocuparem o papel que deveria ser assumido pela própria mãe.

No entanto, para várias das crianças e adolescentes, a mãe se configura naquela que o

agride fisicamente, ou que o abandona e o coloca em situações de violência por parte dos tios, ou que silencia, manifestando a ausência de qualquer movimento para impedir a agressão física cometida pelo pai ou padrasto. Isto parece decorrer do fato de não termos nos deparado com situações de violência sexual, em que os estudos apontam o pai como principal agressor (*Camargo e Buralli, 1998*).

Em grande parte das vezes em que a mãe é a agressora, ela tem novo parceiro e com mais filhos dele. Aqui, o cuidado aparece, também, como proteção contra a mãe.

Se eu tivesse com a minha mãe agora eu taria ruim (Ana, 10 anos).

Quando a mãe ganha neném daí às vezes aborta ou dá pra Casa Lar cuidar assim, não cuidar do neném, é não cuidado (Alice, 13 anos).

Se eu tivesse com a minha mãe, a tia visse, não falasse nada. Ela não taria cuidando de mim (Ana, 10 anos).

Percebemos, neste estudo, que em todos os casos de violência física, o/a agressor/a faz parte do sistema familiar, convive com as crianças e adolescentes, mantém com eles/as laços de autoridade, no papel de mãe, pai, padrasto ou tios. O sistema familiar, por sua vez, se caracteriza pela pobreza, desajustes, separações e violência. Estas características são relatadas por *Daro e Stevo (1999)*, quando referem que cada vez mais, as crianças encaminhadas ao serviço de proteção vêm de situações familiares problemáticas e caóticas; abuso paterno, parceiros violentos e vários outros fatores de risco pessoal e ambiental, tornando cada vez mais difícil, para as agências do bem-estar da criança, garantir a segurança de uma criança em seu lar. No entanto, este fato independe da camada social, como afirmam *Azevedo e Guerra (1997)*, tendo em vista o relato de funcionárias do Serviço de Proteção à Criança e Adolescente, que afirmaram, também, atenderem casos de violência advindos de classe média e alta, sendo que estes são “abafados” e resolvidos pelos familiares, não tendo, portanto, o mesmo desfecho daquele das classes mais baixas.

A família traz em seu bojo um papel determinado no desenvolvimento da sociabilidade, do bem-estar físico e da afetividade dos indivíduos, sobretudo durante os períodos da infância e adolescência (*Camargo e Buralli, 1998*), que se constituem em etapas de vulnerabilidade na vida de crianças e adolescentes. Contudo, para as/os participantes deste estudo, esta vulnerabilidade se acentua face à condição de exclusão da família de origem pela violência física, abandono/rejeição, bem como pelas péssimas condições de nutrição, educação, habitação, dentre outras.

No entanto, a Constituição Federal (BRASIL, 1988), no seu artigo 227, determina: “É dever da Família, da Sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade, à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.”

Verificamos, então, a utopia desta Constituição, principalmente quando as condições a que está submetida uma parcela considerável das crianças e adolescentes brasileiras/os se contrapõem frontalmente ao estabelecido por lei. Deste modo, a negligência da família soma-se a omissão da sociedade, que se fortalecem pela falta de compromisso do Estado, que não cumpre seu papel de garantir os direitos fundamentais de desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social da população infanto-juvenil (*Barbosa, 1999*).

A crise econômica, política e social sofrida pela sociedade brasileira vem aumentando seu empobrecimento, agravando a exclusão social e privando de direitos fundamentais uma

parcela cada vez maior da população. Isto se deve à concentração de riquezas por parte de uma minoria em detrimento da qualidade de vida da maioria (*Barbosa, 1999*). Fica, assim, evidente que o problema da vitimização não tem raízes apenas no plano familiar, mas faz parte de um contexto social mais amplo e profundamente injusto e desigual.

Mesmo diante das experiências de violência e exclusão familiar, a compreensão do cuidado é expressa como sendo vital para a promoção da vida das crianças e adolescentes, a qual se relaciona a muitos dos direitos que constam no artigo 277. Como refere Angélica, uma menina deste estudo, de cinco anos: *cuidar é a vida, é cuidar da vida direito, ou como afirma Collière (1989, p.27),...* "é preciso 'tomar conta da vida' para que ela possa permanecer."

O CUIDADO COMO FORMA DE EXPRESSÃO DO SER

A expressividade do ser, ao ser valorizada pelas crianças e adolescentes, aparece diretamente associada à promoção da vida. Como notaram *Silva, Bellaguarda e Vogel (1998)*, esta associação parece ser uma característica cultural, ou diríamos mesmo humana do cuidado, tendo em vista que aparece em outros estudos desta natureza, como os de *Silva (1998)* e de *Gonzaga e Neves-Arruda (1998a,b)*.

As formas de expressividade apontadas são dar carinho e amor e, dar apoio e proteção. As referências do cuidado como afetividade aparecem com maior freqüência na fala das crianças e adolescentes do sexo masculino, em detrimento do feminino. Tal fato parece estranho quando é culturalmente reconhecida esta forma de expressão e valorização, como sendo feminina. Estaremos vivenciando mudanças nos padrões de expressão de gênero, culturalmente estabelecidos?

Segundo *Silva, Bellaguarda, Vogel (1998)*, a valorização da capacidade do ser em expressar afetividade, em apoiar e incentivar o viver amoroso é justificável dada a sua importância não somente no desenvolvimento do ser humano, como também no desenvolvimento do cuidado do ser humano. *Gaylin (1979)* também refere que o período infante-juvenil é crucial para o desenvolvimento de uma pessoa que ama e é amada, que tem emoções, e que é capaz de altruísmo e esperança. Contudo, um pouco menos da metade das/os participantes se referem a esta característica do cuidado, o que contrasta com as crianças e adolescentes sem história de violência doméstica, estudados por *Silva, Bellaguarda e Vogel (1998)*. Considerando o exposto, podemos supor a possibilidade de muitas das crianças e adolescentes, deste estudo, terem suas capacidades de expressar sua afetividade e de cuidar de si e do outro comprometidas, em função das experiências vividas.

Tal suposição encontra apoio em estudos que apontam os conflitos familiares, a negligência e as punições físicas como geradores, nas crianças e adolescentes, de medo ou raiva permanente contra os adultos, além de afetar a sua auto-estima (*Barbosa, 1999*). Soma-se a isto, como afirma o autor, o fato da criança e adolescente tentar, com freqüência, seguir os padrões de comportamento violento ou auto-destrutivo dos pais ou do núcleo familiar onde cresceram. Constatamos, no histórico de alguns adolescentes do sexo masculino, comportamentos de violência dirigidos contra a professora e outras pessoas de seu círculo familiar.

Quando a expressão afetiva emerge na fala de crianças e adolescentes, tanto do sexo masculino como feminino, aparece ligado à figura das tias da Casa-Lar. Somente as poucas crianças e adolescentes, órfãos de mãe, se referem à ela como aquela que cuidava, que dava carinho, antes de ir para a Casa-Lar. Faziam, assim, questão de enfatizar: *ela nunca me bateu*. A expressão afetiva emerge como necessidade humana, que confere à existência um sentido de segurança e de valorização do outro. Chama a atenção aqui a ênfase em frases negativas.

Porque uma pessoa também precisa de amor, carinho, respeito, precisa de um monte de coisa. Então se a gente não dá isso pra essa pessoa ela fica assim sem cuidado. Por

exemplo, se não tem respeito por mim eu não posso ter respeito pela outra pessoa (Juliana, 13 anos).

É deixar jogado na rua, não dar carinho, roupa (Marina, 12 anos).

O cuidado enquanto proteção é muito valorizado pelas crianças e adolescentes, dada a frequência com que emerge, de um modo geral, nas falas. No entanto, apesar da frequência elevada, tal concepção parece mais evidente na fala das crianças e adolescentes do sexo feminino, em relação ao masculino. Deste modo, enquanto a dimensão afetividade é mais verbalizada pelos meninos, a proteção se sobressai um pouco mais na fala das meninas. Neste sentido, o cuidado como forma de proteção extrapola a vida das crianças e adolescentes para englobar outros seres e o meio ambiente.

Cuidar é proteger os outros, a natureza, os animais, você (Ana, 10 anos).

Destaca-se a ambivalência que permeia a fala de um número pouco significativo de crianças e adolescentes, quando, ao conferirem ao cuidado o sentido de estar protegido, seguro, o atribuem como responsabilidade da mãe, mesmo quando esta se constitui na agressora, naquela que o/a violentou fisicamente e o/a abandonou.

Cuidar é proteger o outro, como a mãe protege o filho (Ana, 10 anos).

Chamou-nos a atenção o fato de que enquanto muitos dos significados, expressos em frases afirmativas, estejam ligados à vida atual na Casa-Lar, os expressos de forma negativa ou na forma de não cuidado parecem estar vinculados às experiências de ameaça à vida.

Cuidar é não mexer em coisas perigosas, ex. faca, arma (Rose, 13 anos).

Cuidar é não deixar a gente se queimar. Tratar a gente bem. Não tratar a gente com violência (Leticia, 14 anos).

Por exemplo, a mãe tá atravessando a rua daí ela larga o filho. O filho morre atropelado (Ana, 10 anos).

Tanto as expressões negativas de cuidado como as de não cuidado evidenciam a percepção de vulnerabilidade das crianças e adolescentes e de dependência dos adultos.

Bater nas pessoas, não cuidar, assim, bate nas pessoas quando a pessoa não faz nada (Roberto, 7 anos).

É assim se alguém se machuca assim, deixa ele machucado, ele se machuca e eles não cuidam. Assim, deixa apronta um monte assim, pode se machucá, pode até morrer (Augusto, 14 anos).

Não cuidá é quando uma pessoa tiver assim doente, pedindo socorro e a outra pessoa nem liga e nem dá bola (Saulo, 7 anos).

Não cuidar é bater nas pessoas, não cuidar direito das pessoas, é fazer o mal (Carla, 14 anos).

Quando uma pessoa mata outra pessoa, então não tá cuidando (Mário, 10 anos).

A família é uma organização por excelência para o desenvolvimento e aprendizagem do cuidado, uma vez que ela é (ou deveria ser) o local da concretização da afetividade, amizade e solidariedade (Silva, Bellaguarda, Vogel, 1998). No entanto, para os/as participantes deste estudo, a família emerge enquanto local da violência, do abandono e da rejeição, o que se reflete na ausência do ambiente familiar e de expressões de afetividade nos desenhos, bem como à pouca referência em suas falas, quando comparado aos participantes do estudo daqueles autores. Neste sentido, fica a mensagem do único menino, deste estudo, que desenha um coração para representar a necessidade de *amor, paz, sossego e amizade* (Alex, 12 anos).

O CUIDADO COMO FORMA DE RELAÇÃO COM O MEIO AMBIENTE

O Cuidado é fundamental nos primeiros anos de vida, em que a criança inicia suas primeiras incursões na tomada de consciência de si e do seu meio ambiente. No estudo de Silva, Bellaguarda e Vogel (1998), com crianças e adolescentes sem antecedentes de violência doméstica, este significado do cuidado é bastante evidente. Os desenhos obtidos por elas retratam seus lares, seus pais, evidenciando situações vividas e a afetividade presentes nelas, através do desenho de corações, interpretados pelas crianças e adolescentes como sentimentos de amor, de afeto. Ao falarem sobre aquele “lugar”, elas deixavam evidente não se tratar somente de uma casa ou residência, mas como sendo um “lar”, o “seu lugar” no mundo, que parecia dar às suas vidas uma estabilidade básica.

Neste estudo, chama a atenção os desenhos da quase totalidade das crianças e adolescentes, independente do sexo. Os desenhos retratam elementos da natureza, sem qualquer vínculo com pessoas ou acontecimentos de suas vidas, seja na família ou na Casa-Lar. Assim, as poucas pessoas que aparecem em alguns desenhos são estranhas, sem vínculo com eles/as. A única criança que desenhou uma pessoa familiar, no caso sua mãe, tinha sete anos. Seu desenho evidencia uma mulher totalmente deformada, com poucas características humanas. Quando solicitada a falar de seu desenho refere não se lembrar da mãe, que a viu só uma vez e que está ali por que ela mandou. Contudo, em sua compreensão do cuidado ele refere: *cuidá é ficar, assim, perto da mãe* (Beto, 7 anos).

Esta percepção justifica-se pela desestruturação e afastamento de seus lares. Para eles/as, parece não haver um lugar seguro, no qual a estabilidade possa dar um sentido em suas vidas. Têm consciência da transitoriedade de sua situação na Casa-Lar, apesar de terem uma média de permanência em torno de dois a três anos. Muitas não têm como retornar a seus lares e algumas manifestam sua recusa em fazê-lo e, então, aguardam uma possível adoção. Deste modo, suas condições de vida se caracterizam pela instabilidade, pelo desconhecido, que reafirmam sua condição de não ser, de não pertencer a seus pais e mesmo ao seu ambiente atual.

Deste modo, mesmo dispondo de algum conforto, dividindo com outros ou outras o mesmo quarto, a mesma casa, esta não lhe pertence, nem os objetos que a compõem. Por outro lado, as tias, que se revezam no cuidado deles/as, são transitórias, na medida em que são contratadas para este serviço. Convivem com a ausência das mães, dos pais quando os têm, e principalmente dos/as irmãos, sendo que muitos deles/as estão também em casas similares, ou já foram adotados/as por outras famílias.

Muitas crianças e adolescentes deixam evidente em suas falas, a sua condição de vulnerabilidade em relação às pessoas ou mesmo em relação ao meio, a qual emerge de suas experiências vividas que se mostram ameaçadoras. Na história de vida de algumas destas crianças e adolescentes há situações de envolvimento de drogas pelos pais ou por um deles, de prisão e de assassinato da mãe na sua presença, dos irmãos e das irmãs.

Cuidar é tá vendo se não vem ninguém pra matar (Samanta, 14 anos).

A gente tem que se cuidar e cuidar dos amigos. A gente se protege, por exemplo, quando a gente sabe, assim, que o lugar onde a gente tá morando é perigosos, a gente não tranca a porta? (Marta, 10 anos).

Para algumas crianças e adolescentes, face a indeterminação de suas vidas futuras, convivem com a ambivalência de terem a possibilidade de um novo lar, se adotadas, e de desejarem ter podido estar com suas famílias. Perpassa, assim, em suas falas o desejo de que tudo pudesse ter sido diferente. Mesmo frente a possibilidade de um novo lar, expressam não saber como serão cuidadas neles.

Na Casa-Lar, crianças e adolescentes aprendem a conviver com uma nova realidade, que manifestam, na sua maioria, gostar. Aprendem a ter responsabilidade por tarefas, a seguir horários pré-estabelecidos e a conviver com outros/as de diferentes idades e vindos/as de condições semelhantes. Convivem, também, com a responsabilidade de auxiliar no cuidado dos/as menores.

Algumas meninas arrumam o meu guarda roupa. As vezes quando eu tô com muita pressa e eu não posso fazer assim, hoje, de eu arruma a cozinha, aí se eu não posso ir vai outra menina no meu lugar, aí quando aquela menina não puder eu vô no lugar dela outro dia (Rita, 13 anos).

Na Casa-Lar, recebem inúmeras visitas e supervisões, e convivem com pessoas que exercem trabalho voluntário, nem sempre permanentes. Convivem, também, com a preocupação das tias com a organização, devendo sempre estar tudo arrumado. Deste modo, a característica do ambiente difere em muito de um lar, em que nem sempre há uma grande frequência de pessoas, muitas vezes estranhas, nem a preocupação excessiva com a organização. Assim, embora não tenham como fazer comparação, a Casa-Lar ainda se constitui na melhor possibilidade existente, face às condições anteriores, de pobreza, necessidade e violência.

Se cuidar do “lugar de todos os dias” ajuda a percebê-lo como extensão de si e, assim, a perceber-se como um ser ligado ao outro e ao meio (Silva, Bellaguarda e Vogel, 1999), no caso das crianças e adolescentes, deste estudo, tal consciência parece prejudicada, na medida em que as condições de vida existentes não propicia um senso de estabilidade e de pretença em seu viver.

O CUIDADO COMO FORMA DE NEGAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS E DE RESISTÊNCIA PARA SOBREVIVER

Como observaram Silva, Bellaguarda e Vogel (1998), o reconhecimento das ações de cuidado fundamenta-se nas experiências interiorizadas e vividas pelas crianças e adolescentes. Neste sentido, verificamos que muitos dos significados de cuidado relacionados à satisfação de necessidades vitais para a sobrevivência e para o desenvolvimento do ser aparecem ligados à sua vida na Casa-Lar. Fica, assim, evidente que muitas das falas deles/as restringem-se a uma realidade diretamente acessível à percepção e à manipulação. Nestas situações, elas se colocam como sujeitos que recebem a ação de cuidado.

Este fato se contrapõe às experiências negativas, nas quais suas posições são indeterminadas, ou as ações são dirigidas a outras pessoas, não se colocando, como sujeitos que recebem a ação de não cuidado. Muitas ao serem questionadas sobre o não cuidado apontam-no como sendo *muitas coisas, mas eu não me lembro* (Marcelo, 7 anos). Verificamos

também a alegação de outros motivos que não a violência física para estarem na Casa-Lar, tais como, *minha mãe mudou de casa ou ela precisou me colocar aqui, mas logo virá me buscar*.

Verificamos, aí, a negação da situação vivida, de uma situação que causa dor e vergonha. Neste sentido, negar aquilo que não podemos enfrentar pode ser também uma forma de cuidar de si, de proteger-se de uma realidade difícil de ser revivida. No depoimento das tias, ficou evidente que as crianças e adolescentes não gostam de falar sobre suas experiências, ficando em silêncio ou mudando de assunto quando questionadas acerca das mesmas.

Contudo, elas continuam suas vidas, desenvolvendo inúmeras atividades, participando da nova realidade e se preparando para um futuro incerto, evidenciando uma força que as fazem resistir para poderem sobreviver. Podemos, assim, dizer que mesmo nas condições em que se encontram, demonstram esperanças, que são retratadas na grande maioria dos desenhos e verbalizadas por eles/as, através do cuidado que a natureza nos proporciona, *do sol que brilha e faz bem, das árvores que dão frutos e matam a fome, do arco-íris que torna o céu mais bonito*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Investigamos, neste estudo, os significados de cuidado para crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica, retiradas do pátrio poder e abrigadas em Casas-Lares. Os significados encontrados caracterizaram **o cuidado como forma de promoção da vida, de expressão do ser, de relação com o meio ambiente, de negação das experiências vividas e de resistência para sobreviver**. Considerando o fato de não termos encontrado estudos desta natureza na literatura nacional e internacional, tomamos o estudo de *Silva, Bellaguarda e Vogel* (1998) como parâmetro de correlação dos significados encontrados, principalmente por ter a mesma natureza deste, como, também, por eleger como participantes crianças e adolescentes de classe média para alta, sem antecedentes de violência doméstica. Neste sentido, três dos significados encontrados por elas, aqui, também aparecem como *o cuidado como forma de promoção da vida, de expressão do ser e de relação com o meio ambiente*. Embora haja algumas similaridades na descrição destes significados, as quais aparecem mais como devendo ser, se destacam as diferenças nas percepções dos moradores da Casa-Lar, que evidenciam uma outra realidade de cuidado e de vida para eles/as e que permearam as descrições dos temas. Tais constatações nos fazem afirmar ser o cuidado vital para a vida em família e em sociedade, auxiliando o ser a preparar-se para a vida, a ser capaz de responder aos desafios que o viver em um mundo onde a violência e a injustiça parecem tomar conta do viver cotidiano (*Silva, Bellaguarda, Vogel*, 1998). Neste sentido, as crianças e adolescentes, privados/as do cuidado em família, tendem a ter o seu futuro comprometido, através do comprometimento da sua capacidade de ser, de cuidar de si e do outro.

Dados os limites da amostra do estudo e a importância de investigações desta natureza, com vistas a tornar visível a realidade de cuidado em nossa sociedade, destacamos a necessidade de outros estudos em outros contextos. Se o cuidado é imprescindível à vida e à construção de uma sociedade mais justa e, se constitui na essência da Enfermagem, então, ele necessita ser investigado nas suas mais diferentes perspectivas (*Silva, Bellaguarda e Vogel*, 1998).

ABSTRACT: This is a phenomenological and hermeneutic study. Its objective is to reveal the meaning of "care" for children and adolescents who have suffered domestic violence. The investigation was carried out in two casas-lares (orphanage houses) in Florianópolis. These houses functioned as temporary shelters for either girls or boys who had suffered some kind of violence in their homes. The descriptions obtained through the answers and drawings of eighteen children and adolescents enabled us to characterize "care" as a way of promoting life, expressing oneself, relating to the

environment, denying past experiences and resisting in order to survive.

KEYWORDS: care, meanings, domestic violence

RESUMEN: Se trata de un estudio fenomenológico hermenéutico que tuvo como objetivo desvelar los significados de cuidado a partir de la experiencia vivida por los niños y adolescentes víctimas de la violencia doméstica. Se desarrolló en dos Casas-Hogares en Florianópolis, que funcionan en régimen de albergue temporario y excepcional para niños y adolescentes de sexo masculino y femenino víctimas de la violencia doméstica. Las descripciones obtenidas en las respuestas y en los dibujos de los dieciocho niños y adolescentes nos han posibilitado caracterizar el cuidado como forma de promoción de la vida, de expresión del ser, de relación con el medio ambiente y de la negación de las experiencias vividas y de resistencia para supervivir.

PALABRAS CLAVE: cuidado, significados, violencia doméstica

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, M.A. Notas para uma teoria crítica da violência familiar contra crianças e adolescentes. In: AZEVEDO, M.A.; GUERRA, V.N.deA. (Org.). *Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997. p. 25-47.

AZEVEDO, M.A. GUERRA, V.N.deA. (Org.). *As políticas sociais e a violência doméstica contra crianças e adolescentes: um desafio recusado em São Paulo?* In: *Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997. p. 25-47.

BARBOSA, H. Abuso e exploração sexual de crianças: origens, causas, prevenção e atendimento no Brasil. In: WERTHEIN, J.; BORGES, M.D.; CUNHA, C. da. *Inocência em perigo*. Brasília-DF: UNESCO, 1999. p.24-38.

BOEMER, M.R.; VALLE, E.R.M. do. O significado do cuidar de criança com câncer visão de enfermeiras. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v.41, n.1, p.56-63, jan./mar. 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. *Violência contra a criança e o adolescente – proposta preliminar de prevenção e assistência à violência doméstica*, Brasília, DF. 1993.

_____. Ministério da Saúde. Estatuto da Criança e Adolescente. Brasília-DF, 1991.

BRASIL. Constituição. (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988. Art. 227.

CAMARGO, C.L.; BURALLI, K.O. *Violência familiar contra crianças e adolescentes*. Salvador: Ultragraph, 1998.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. In: _____. *Perspectivas antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

COLLIÈRE, M.F. *Promover a vida*. Lisboa: Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, 1989.

DARO, D.; STEVO, K. Revisão resumida do abuso infantil da negligência na América do Norte. In: WERTHEIN, J.; BORGES, M.D.; CUNHA, C. da. *Inocência em perigo*. Brasília-DF: UNESCO, 1999. p.68-69.

FERREIRA, A.B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GAYLIN, W. *Caring*. New York: Avon Books, 1979.

GONZAGA, M.L. de C.; NEVES-ARRUDA, E. O cuidado na hospitalização: uma perspectiva infanto-juvenil. *Revista Texto & Contexto - Enfermagem*, Florianópolis, v.7, n.2, p. 1998a.

GONZAGA, M.L. de C.; NEVES-ARRUDA, E. Fontes e significados de cuidar em um hospital pediátrico. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, Ribeirão Preto, v.6, n.5, p.17-26, dez. 1998b.

ROACH, M.S. *The human act of caring: a blueprint for the health professions*. Ontario-Ottawa: Canadian Hospital Association, 1987.

SILVA, A.L. da. *Cuidado Transdimensional: um paradigma emergente*. Pelotas: Universitária da UFPEL, 1997.

SILVA, A.L.da. O cuidado no encontro de quem cuida e de quem é cuidado. In: MEYER, D.E.; WALDOW, V.R.; LOPES, M.J.M. *Marcas da diversidade: saberes e fazeres da enfermagem contemporânea*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. p.195-241.

SILVA, A.L.da; BELLAGUARDA, M.L.; VOGEL, C. Significados do cuidado em um universo infanto-juvenil. *Revista Texto & Contexto - Enfermagem*, Florianópolis, v. 7, n. 2, p.68-83, 1998.

STEVO, K. Resumo do relatório global sobre negligência e abuso de crianças. In: WERTHEIN, J.; BORGES, M.D.; CUNHA, C. da. *Inocência em perigo*. Brasília-DF: UNESCO, 1999. p.65-67.

VAN MANEN, M. *Researching lived experience: human science for an action sensitive pedagogy*. New York: The State University of New York, 1990.

WALDOW, V.R. *Cuidado humano: o resgate necessário*. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1998. p.93-126.

Recebido em outubro de 2000
Aprovado em junho de 2001